

ESPECIAL

CONTABILISTAS CERTIFICADOS



Pixabay

OE2019 tem alterações para a atividade dos contabilistas

A Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC) está a desenvolver um processo de afirmação, que passa por alterações na estrutura representativa dos profissionais do setor, mas também pela capacidade de contribuir para encontrar soluções para resolver problemas concretos. Em entrevista, publicada nestas páginas e que estará disponível, em vídeo, no site do Jornal Económico, a bastonária da OCC, Paula Franco, faz um ponto de situação do trabalho que tem sido feito, mas há um exemplo que é público: o orçamento do Estado para 2019 (OE2019), em que algumas medidas contaram com a colaboração da OCC. Paulo Franco refere como resultado do trabalho desenvolvido as alterações ao calendário fiscal, a alteração de prazos e um

passo decisivo para a concretização de um “sonho antigo”, que é o reconhecimento do “justo impedimento” dos contabilistas certificados.

“Temos algumas propostas [reflectidas no OE2019], o que é curioso, porque o orçamento tem poucas alterações. Uma das nossas preocupações, que também tinha a ver com a qualidade de vida dos contabilistas, era o calendário fiscal e foi uma das situações que mais se discutiu com o governo, com a Secretaria de Estado [dos Assuntos Fiscais] e com a Autoridade Tributária. Tivemos várias reuniões, em que discutimos tudo aquilo em que era possível mexer um pouco para melhorar a forma de trabalho dos contabilistas”, explica a bastonária, apontando que o resultado é “uma separação de prazos, por forma a

que não caiam nas mesmas alturas e permitam um planeamento mais eficaz para o contabilista”.

“Uma das questões tinha a ver com o prazo de validação das faturas no dia 15 de fevereiro. Esta validação é muitas vezes feita por contabilistas, mas também muitas vezes feita pelos contribuintes, o que significava que havia, nos últimos dias, muita gente no sistema a validar estas faturas – o que sobrecarrega bastante o sistema –, enquanto havia obrigações fiscais a cumprir, nomeadamente uma das maiores do ano – a última declaração do IVA, referente ao último trimestre do ano anterior. Nos últimos anos, tivemos imensos constrangimentos na performance do site, que ficava sobrecarregado e inviabilizava o envio de muitas declarações. Creio

que agora, com esta separação, vamos ter possibilidade de planear melhor as coisas e de não haver tanta intervenção e sobrecarga em determinadas alturas”, refere Paula Franco.

“Também vemos vertido no orçamento do Estado um grande sonho, que é o compromisso de legislar e regulamentar o justo impedimento dos contabilistas. Isto é um extremamente importante e está já uma redação preparada em que temos vindo a trabalhar com o governo, para salvaguardar as situações de impedimento por parte do contabilista, que, por motivos de morte, doença ou morte de um familiar, por exemplo, ou maternidade, o impeça de cumprir as suas obrigações. As obrigações dos contabilistas implicam com as empresas e

têm consequências na aplicação de coimas, portanto, temos de ter medidas que permitam, de alguma forma, salvaguardar casos extremos. Atualmente, nos nossos estatutos, já temos a figura do contabilista suplente, figura que pode ser usada para o impedimento prolongado, melhorando-a, e para a parte do impedimento repentino ou de curto prazo, teremos de ter medidas de ajustamento e um alargamento dos prazos”, diz.

Este caminho de diálogo vai continuar a ser seguido. Paula Franco diz que a existência de contactos regulares com o governo, com os grupos parlamentares, com a Autoridade Tributária, são essenciais para a profissão. “Sem cedências, com o objetivo de servir os contabilistas”, finaliza. ● RSF

DIGITALIZAÇÃO

Tecnologia é oportunidade de desenvolvimento

A digitalização pode ajudar à resolução de problemas do sector da contabilidade, mas terá de ter um enquadramento legal que o incentive.

ANTÓNIO FREITAS DE SOUSA
afsousa@jornaleconomico.pt

O desafio da digitalização é considerado fundamental para o desenvolvimento da atividade dos contabilistas certificados, mas para ser vencido, necessita que seja ultrapassada uma questão que é encarada como geracional, sendo ainda um enigma se a classe está ou não, em conjunto, a observar a aproximação do digital como uma ameaça ou uma esperança. Este enigma tem uma solução simples: como a profissão de contabilista na era digital acabará por ser um facto e não uma opção, está resolvido à partida, mas tanto a Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC), como o próprio governo, sublinham como meta não deixar ninguém para trás.

A estrutura de classe sabe que há em matéria digital uma questão geracional que é necessário equacionar. E que, por outro lado, o digital obriga a “uma alteração do paradigma” que anos e anos de trabalho podem colocar em causa – ou, pelo menos, constituir um entrave mais ou menos sério à modernização.

Susana Bastos, professora do Instituto Superior de Contabilidade e Administração Pública (ISCAP), não tem dúvida que os contabilistas precisam de se apetrechar “novas qualificações” e “informação multidisciplinar” – numa tendência que deve necessariamente começar nos bancos das escolas.

Para aquela docente, é o grau de competências transversais que determinado profissional conseguir agregar que determinará a extensão do seu sucesso. É esse, de algum modo, o desafio do digital – dado que o próprio sistema tende a ser indutor e não apenas replicador. Nesse quadro, “as ‘soft skills’ devem ser desenvolvidas”, algumas delas claramente não fazendo parte do léxico tradicional da contabilidade.

Num ordenamento que mais parece ser ‘coisa de artistas’, Susana Bastos elenca ‘skills’ como a inteli-

gência emocional, o pensamento crítico ou a sensibilidade como instrumentos fundamentais ao futuro da profissão de contabilistas.

A docente falava no âmbito de um seminário sobre “A profissão na era digital”, para uma plateia onde a mistura de gerações era imensa, sendo difícil de contabilizar que intervalos de idades estavam mais ou menos representados. Mas uma observação necessariamente empírica do que Susana Bastos afirmava permitia concluir que os contabilistas ali presentes não se achavam perante qualquer coisa próxima de um drama.

O digital como instrumento facilitador

Tanto mais que, como qualquer leiço perceberia, a ‘aventura’ digital incorpora, como dizia Pedro Lourenço, da BTOC, uma componente de facilitação do trabalho dos contabilistas que é de todo muito mais uma aliciante que um temor. “A tecnologia melhora a qualidade de vida” disse, exemplificando com o seu caso pessoal e com o da empresa onde trabalha.

A digitalização permite, como comprovou o gestor, alterar o próprio paradigma da profissão: o tempo despendido na recolha e tratamento de informação – que normalmente deixa muito pouco tempo ao contacto com o próprio cliente e com as suas preocupações, chave do sucesso da relação de negócios entre ambos – passa a ser, com o digital, ínfimo em relação ao que se passa atualmente.

O resultado é claro: o tempo ‘eficaz’ passa a ser aquele que o conta-

bilista está perante o gestor da empresa, o que resulta na facilitação do trabalho entre todos os envolvidos.

E esse é o lado bom da questão: ao contrário do que eventualmente sucederá com profissões seculares que deixarão por certo de fazer sentido ou inclusivamente de ter lugar, o lugar da contabilidade não está em risco face ao impacto do digital.

Ou, como resumiria Alan Johnson, da IFAC, Federação Internacional de Contabilistas, “as máquinas não vão ocupar o lugar do homem, mas melhorar a vida e a profissão dos contabilistas” – o que, pelo menos no caso desta área, parece ser mais que certo.

Para o responsável da associação internacional de contabilistas, o digital “é antes de mais um desafio”, com uma componente pessoal, mas também do conjunto da profissão.

A parte que cabe Estado

E é a esse conjunto que está reservada a segunda componente do desafio do digital: “O Estado tem de cumprir a sua parte”, dizem os responsáveis do sector. Ou seja, se o desafio do digital não for acompanhado de legislação que promova a alteração de procedimentos e, de forma estabilizada, permita uma transferência tranquila de normas, não terá valido a pena.

Um exemplo simples: se a máquina fiscal quiser, em plena fase de transposição para o digital, continuar a exigir ‘toneladas’ de papel, o sistema vai por certo emperrar. Felizmente o ‘modus operandi’ de extração nacional vai funcionar, pelo uso da proverbial capacidade de adaptação dos portugueses.

Mas, para que apesar de tudo essa adaptação não seja ‘à bruta’, a OCC vai passar os próximos meses a insistir na formação profissional dos seus membros, para que a transição seja pacífica, sem sobressaltos que coloquem em causa o próprio trabalho que continua a ter de ser feito e sem dramas pessoais. Até porque, como resumia Susana Bastos, “ser contabilista sim, mas não só”. ●



“Maioria dos contabilistas não está preparada para o digital”

Ordem dos Contabilistas Certificados quer liderar o caminho da digitalização do mercado e promover a formação, que a bastonária considera essencial, para que “não fique ninguém para trás”.

MANUEL RIFER

mrifer@jornaleconomico.pt

O futuro da contabilidade é digital e nenhum dos agentes do sector tem qualquer dúvida, da mesma forma que estão conscientes que o processo já foi desencadeado e está em andamento. A palavra de ordem – tanto dos representantes dos contabilistas certificados como do Governo – é que “não se pode deixar ninguém para trás”, ou seja, é preciso impedir a divisão do mercado ou a cristalização de uma divisão geracional. Especialmente quando a maioria dos contabilistas não está preparado para a era digital, como refere a bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC).

Em declarações ao Jornal Económico, Paula Franco diz que a estrutura que lidera tem um papel a desempenhar neste desenvolvimento do sector, através da liderança do processo e da formação dos associados.

“Os avanços tecnológicos são uma realidade em muitos países, mas nós em Portugal ainda não os explorámos convenientemente, nomeadamente na área da contabilidade”, diz, acrescentando que, em Portugal, “ainda há muito poucos sistemas informáticos a ajudar o contabilista a rendibilizar o seu tempo e a diminuir os tempos de trabalho que têm a ver com o tratamento documental, que é para deixar tempo para descansar, para ter as suas actividades de lazer, e para fazer um melhor trabalho”.

OCC como líder do desenvolvimento

Paula Franco refere que a Ordem tem, em primeiro lugar, um papel no enquadramento das soluções que o mercado pode apresentar, dirigindo-o para que sejam apresentadas soluções que resolvam os problemas concretos da classe. A OCC tem um software que disponibiliza aos seus associados, que constitui uma ferramenta para o desenvolvimento da atividade, mas pretende ir mais além. “Queremos que esta ferramenta seja pioneira e que seja, no fundo, a orientação para outros softwares que existam, no sentido de responder às necessidades dos contabilistas”. Ou seja, a OCC quer investir para encontra

soluções que respondam ao que “os contabilistas precisam, para que depois todas as software houses sigam este projecto”.

“Portanto, seguir um bocadinho como pioneiros destes projectos, ficar ao leme dos projectos, dirigi-los, controlá-los, para que todos os softwares que existam estejam à medida das necessidades dos contabilistas, neste sentido de evolução”, refere.

Formação é fundamental

A outra face da moeda da evolução tecnológica é a formação. “A formação é essencial”, diz Paula Franco. “Os contabilistas têm uma profissão que está de braço dado com os impostos e com os códigos fis-

cais”, logo “uma situação que é sempre bastante complexa, que exige muito estudo, que exige muito acompanhamento e conhecimento e, por isso, a formação é essencial”.

A formação é essencial, também, para responder ao desafio digital. “Diria que a maior parte dos colegas, dos contabilistas, não está preparada, neste momento, para assumir esta era digital. E por isso é que é muito importante a Ordem ser pioneira e levar este projecto como responsabilidade sua, para, em conjunto com a formação, não deixar nenhum colega para trás e haver este acompanhamento desta nova era digital, com sucesso e com consequências positivas para a profissão”, afirma Paula Franco. ●

“Os avanços tecnológicos são uma realidade em muitos países, mas ainda não os explorámos convenientemente”

PUB

JÁ NOS CONHECE ?

40 ANOS
1978 2018

Sede: **CARCAVELOS**
Av.ª General Edsardo Galhardo, nº115
Edifício NUCASE 2775-564 CARCAVELOS
tel: 21 458 5700 fax: 21 458 5799

Filiais:
PAREDE • ESTORIL • CASCAIS • SINTRA • LISBOA
LUANDA ANGOLA

www.nucase.pt

CONTABILIDADE
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
ORGANIZAÇÃO E PROCESSOS
SEGUROS
RECURSOS HUMANOS
ANGOLA

DESDE 1978 A OTIMIZAR NEGÓCIOS

ENTREVISTA **PAULA FRANCO** Bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados

“As grandes preocupações dos profissionais têm a ver com as relações com a Autoridade Tributária

Paula Franco já concretizou o objetivo de equilibrar as contas da Ordem. Agora, quer reforçar a união da classe, para conseguir capacidade para resolver problemas e garantir maior rendimento.

RICARDO SANTOS FERREIRA
rsferreira@jornaleconomico.pt

Paula Franco é a nova bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados, depois vencer as primeiras eleições realizadas após a morte de António Domingues de Azevedo, histórico líder da classe, em 2016. Estabeleceu como objetivos melhorar as condições de exercício da atividade e, também, as condições de vida dos profissionais do sector. Para que isso aconteça, defende que é necessário um novo posicionamento, da Ordem e dos próprios contabilistas, e uma mudança de mentalidades. Em entrevista ao *Jornal Económico*, faz um balanço “muito positivo” dos primeiros meses do mandato, com vitórias que resultam já de uma nova postura.

Que balanço faz deste primeiro semestre na liderança da Ordem?

Ao fim de sete meses, podemos dizer que o balanço é muito positivo. É positivo porque tínhamos muitos objetivos, ambiciosos, e estamos a conseguir concretizá-los. Num espaço de sete meses – que é um período muito curto para se afirmar seja o que for – eu diria que já temos muitos resultados para apresentar. Portanto, o balanço é muito positivo.

Definiu como prioridade o reforço do relacionamento da Ordem com os seus associados. Como se concretiza, especialmente depois de um processo eleitoral atribulado?

Estas relações constroem-se passo a passo. O período eleitoral foi conturbado, portanto, é natural que crie cisões entre membros. Tudo aquilo que tentamos fazer – eu, particularmente, como bastonária – é tentar, cada vez mais,

uma aproximação pessoa a pessoa com todos os membros; temos tentado fazê-lo e temos tido muitas pessoas a aproximarem-se da Ordem, que estariam muito mais afastadas há uns tempos atrás. Todo esse trabalho de união da profissão está a ser conseguido e concretizado, mas é um trabalho que demora mais tempo, porque trazer os membros para dentro da Ordem, sentindo-se como parte integrante desta organização, ainda é uma situação que está a desenvolver-se. Sentimos uma abertura maior por parte dos membros, em dirigirem-se à Ordem, em usufruírem daquilo que a Ordem proporciona, em sentirem que fazem parte; essa união está a nascer, está a crescer.

Tinha previsto a criação de três novas comissões na Ordem, para substituir as cinco que existiam. Já foram criadas?

Ainda não; estivemos estes sete meses a arrumar a casa. O que fizemos foi a extinção daquilo que existia; agora, estamos a reequilibrar tudo, a reajustar os serviços, os objetivos, e, por isso, as novas comissões só serão criadas no próximo ano.

Quais serão?

Uma será relacionada com os jovens, uma aproximação para motivar os jovens a virem para a profissão, a estarem mais próximos da Ordem; outra será muito para apoio às empresas de contabilidade, para percebermos quais são as dificuldades e como se podem ultrapassar; e, claro, uma das principais será do controlo de qualidade, que no próximo ano voltará a avançar.

Aproveitando o trabalho que estava a ser feito e o histórico?

Sim, mas reestruturando tudo.

Queremos um controlo de qualidade completamente diferente, pedagógico, que traga os membros e os una, que não os afaste da Ordem, mas que os faça sentir que este é um aspeto positivo da profissão, que seja desejado pelos membros. Este é o grande objetivo do novo controlo de qualidade e, por isso, temos de ter muito cuidado em toda a sua estrutura, com toda a forma como se vai concretizar, para não provocar o afastamento, mas sim inclusão e um respeito grande pelo processo.

Nos contactos que tem mantido com os associados,

quais são as maiores preocupações evidenciadas?

As grandes preocupações dos profissionais, de uma forma geral, têm a ver com as relações com a Autoridade Tributária. O contabilista tem muitas obrigações relacionadas com questões fiscais, se calhar, mais até do que a própria contabilidade. Por isso mesmo, toda a relação com a Autoridade Tributária e as obrigações fazem com que a vida dos contabilistas tenha piorado consideravelmente, porque não temos vida própria, passamos a vida a ter de responder a novas exigências, novas necessidades, novas obrigações, e isso criou constrangimentos e trouxe problemas à vida pessoal, familiar, dos contabilistas, que é o que nós queremos ultrapassar. Um dos grandes objetivos que temos é melhorar a qualidade de vida dos contabilistas, porque realmente piorou bastante e é uma das maiores queixas dos contabilistas certificados: falta de tempo, uma vida familiar limitada pelas muitas horas que passam a trabalhar e o não terem rendimentos suficientes, porque têm avenças baixas.

Há aqui muitos aspectos a melhorar, que passam por um conjunto de situações que tem a ver com esta gestão com a Autoridade Tributária, mas também com a gestão da ligação dos contabilistas aos próprios clientes, no que respeita às avenças e aos valores cobrados.

Definiu como objetivo o reposicionamento da Ordem face à Autoridade Tributária, mas também face ao poder político. O processo já se iniciou?

Já. Temos trabalhado muito nisso e os resultados de que falei destes primeiros meses à frente da Ordem têm vários pontos positivos do ponto de vista da gestão interna, mas também têm a ver com

esta ligação com o governo, com a Autoridade Tributária, com os sectores empresariais e com os partidos políticos. Temos tentado uma aproximação muito grande com o objectivo, também, de influenciarmos nas normas que têm a ver com a vida dos contabilistas. Temos apresentado muitas propostas, negociado muitas situações com o governo e temos vindo a concretizar muitos objetivos, muito sonhos, eu diria, de muitos anos. Por exemplo, a questão do calendário fiscal é uma realidade hoje; a questão dos prazos de disponibilização das declarações já foi aprovada recentemente e foi uma vitória enorme dos contabilistas, porque lhes permite planearem o tempo de trabalho, que era algo que os contabilistas há muito que pediam, para terem condições de planeamento do seu trabalho. O orçamento do Estado traz ainda o compromisso do governo de criar a figura do justo impedimento para o contabilista. Isto é a realização de uma série de situações que só foram possíveis nessa mesma base de tentativa de reposicionamento junto da Autoridade Tributária, não numa posição de submissão, mas sim numa posição de contribuímos para aquilo que pode melhorar a economia e para a



Têm de ser exigentes, com eles próprios, no dever de lealdade, no cumprimento das obrigações, para que todos juntos possamos crescer e dignificarmo-nos e ter melhores condições de trabalho



Cristina Bernardo

melhoria de uma classe profissional que muito contribui para a economia.

Em relação à atividade, referiu as avenças baixas, mas também a concorrência desleal. Como se pode resolver o problema?

A concorrência desleal é um dos maiores problemas da profissão. Quando estamos a falar dos problemas que fazem com que os contabilistas acabem por ter uma vida que não é a que corresponde aos seus desejos, tem tudo a ver com uma série de condições que o próprio contabilista também cria, a começar no respeito pelos colegas, na falta do dever de lealdade, que muitas vezes existe, e na prática de honorários muito baixos, que também, no fundo, põem em causa o dever de lealdade. Oferecer valores inferiores aos que são praticados estamos a interferir naquilo que é o mercado e os contabilistas, todos, de uma forma geral, temos de crescer deste ponto de vista; as outras profissões são muito mais unidas; se falarmos de médicos, de advogados, protegem-se, e os contabilistas têm de aprender a posicionar-se aí, protegendo-se, defendendo-se e dizendo “se eu não quero isto para mim, também não quero para um colega”; é aí que

têm de ser exigentes, com eles próprios, no dever de lealdade, no cumprimento das obrigações, para que todos juntos possamos crescer e dignificarmo-nos e ter melhores condições de trabalho.

E qual é o papel da Ordem? Além da função de evangelização da classe, é possível criar mecanismos que ajudem a cumprir esse objectivo?

É. Como se percebe, isto é, no fundo, alterar mentalidades, que é uma coisa muito difícil, mas que é algo a que nos propusemos desde o princípio. Nós temos mesmo de mudar mentalidades na classe, porque senão não chegamos a lado nenhum. E passa por todos interiorizarmos isso. Além da evangelização, temos de ter medidas concretas, porque se não as tivermos é muito mais difícil. Como sabe, a Ordem não pode ter honorários mínimos, porque a Autoridade da Concorrência não o permite, mas podemos intervir, de alguma forma, ajudando e dando formação aos contabilistas, para que saibam determinar os seus custos. A profissão é muito exigente, exige muitas horas de trabalho e o contabilista tem de perceber onde perde, onde ganha e o que deve fazer para

evitar perder dinheiro; a Ordem tem de os ajudar a fazer isso, através de formação, mais direcionada para a relação do contabilista com os seus clientes, com a determinação de centros de custos. Estamos a preparar um projeto que vai definir, no fundo, aquilo que é o custo que um gabinete normalmente tem, para ajudar no cálculo a fazer por parte do contabilista, para que ele saiba determinar aquilo que é o justo valor do seu trabalho.

Sabemos que estamos no mercado, quem paga quer sempre pagar menos, quem recebe quer sempre receber mais, mas aquilo de que estamos a falar é de receber o justo. O trabalho da contabilidade é muito exigente e nenhum contabilista pode fingir que trabalha, tem mesmo de o fazer, e isso implica a perda de qualidade de vida e é aí que queremos batalhar muito.

A insegurança na legislação fiscal continua a ser problema ou tem evoluído de forma positiva, a partir da relação que agora têm com o governo e com a Autoridade Tributária?

Em algumas situações, sim, mas ainda há muito para evoluir, nomeadamente na defesa dos contribuintes, o que depois tem uma implicação direta com os contabilis-

tas. Hoje em dia, em Portugal, utilizamos muito a aplicação de coimas e procedimentos tributários para serem quase uma receita para o Estado – inverteram-se aqui as questões – e isto tem consequências diretas para a atividade do contabilista. Por isso mesmo, esta relação com a Autoridade Tributária é muito importante que tenha resultados, nomeadamente em mudarmos determinadas disposições relacionadas com o Direito tributário. Há um artigo que é muito importante, que é o número 32 do RGIT [Regime Geral das Infrações Tributárias], que, no fundo, salvaguarda a aplicação de coimas quando não se lesa o Estado, mas que depois tem uma aplicação discricionária por parte dos serviços de Finanças; por isso mesmo temos a preocupação de que deixe de ser discricionária, que haja maior justiça e que os contribuintes tenham a possibilidade de ver os seus direitos assegurados. O facto de não existirem tantas alterações fiscais [no OE] é positiva, mas também temos de mexer nas que já existem, porque estão a provocar muitos constrangimentos.

Disse que a situação financeira da Ordem era um problema. Já melhorou?

Nós acabámos de publicar o relatório do terceiro trimestre. Uma das coisas a que nos comprometemos e que é um pilar importantíssimo deste conselho diretivo é a transparência e a apresentação de contas. Qualquer instituição, perante os seus associados, se manter uma política de transparência não causa ruído e dá maior confiança; é isso que queremos e é isso que tínhamos como grande objetivo desde o princípio.

As contas da Ordem, de facto, apresentavam alguns problemas, nomeadamente ao nível da tesouraria, dados os grandes investimentos que foram feitos nos últimos anos. Por isso, uma das nossas preocupações era, de facto, conseguir que as contas e a tesouraria da Ordem ficassem estáveis e, pelo menos, apresentassem sinais positivos. Quando chegámos, em março, tínhamos contas caucionadas para gestão de tesouraria corrente de um milhão e 846 mil euros. Portanto, estava-se a viver acima das possibilidades da Ordem, com dinheiro de financiamento e essa foi uma das maiores preocupações que tivemos.

Poupámos, reduzimos muitos gastos, cada cêntimo é avaliado, é analisado, para não haver excessos ou despesas desnecessários. Isto foi uma coisa positiva, que contribuiu para o balanço positivo. A 15 de outubro, pagámos a última tranche das contas caucionadas. Em sete meses, pagámos 1,846 milhões e já não temos contas caucionadas. Agora, vamos partir quase

de um plano zero de autofinanciamento e é isso que queremos manter. Eu diria que, neste momento, estamos estáveis. Fizemos um grande esforço para cobrar quotas e ter um equilíbrio daquilo que também são as obrigações dos membros perante a Ordem e estamos a consegui-lo. O esforço também é dos membros, porque é quem paga as quotas. O que gastamos temos de pensar que os recursos são dos membros, são dos contabilistas certificados, e, por isso, temos de pensar muito bem antes de os gastar. É isso que temos feito. Valeu a pena; a gestão está a ter resultados positivos. Apresentámos agora um lucro, no final do terceiro trimestre, de 3,5 milhões de euros, com a redução de gastos, para termos o equilíbrio de tesouraria. Neste momento eu posso dizer que a tesouraria da Ordem está estável, está segura, e já não dependemos de financiamentos, exceto os de logo prazo.

O próximo objetivo passa por reduzir o endividamento de longo prazo?

Sim, mas nós não temos um endividamento de longo prazo muito elevado. O que acontece é que a Ordem tem feito muitos investimentos e, por isso, tem um parque imobiliário muito grande, com muito valor, e o financiamento representa cerca de um terço do valor ou abaixo de um terço. Não se pode dizer que o endividamento, no nosso caso, esteja desequilibrado face aos investimentos que foram feitos. O que me preocupava mais era esta necessidade de recorrer a contas caucionadas para a gestão corrente. Isso é que não pode acontecer e não vai acontecer durante este mandato.

Uma das promessas da campanha foi a redução das remunerações dos órgãos sociais. Já foram feitas?

Já. Temos umas regras um pouco diferentes daquelas que existiam, porque, hoje em dia, temos uma comissão de remunerações que determina as remunerações. Aquilo que tínhamos previsto e que era um dos pontos da campanha era uma redução de, no mínimo, 30% das remunerações. Isso foi concretizado e até ultrapassou os 30%. Mas tínhamos outra preocupação: os gastos das deslocações, das despesas de representação, que eram, de facto, muito elevados e para os quais tivemos de criar medidas muito rígidas. Nem todas a gente as compreende e até tem, por vezes, causado alguns constrangimentos, mas não se consegue recuperar a tesouraria e ter estabilidade sem ser muito rígido, sem ter muito cuidado com todo os gastos e sem abrir exceções. Essa é uma das coisas em que sou muito rígida, não abro exceções. ●

DIGITAL MOLDA FUTURO DOS CONTABILISTAS

Em resposta ao desafio da digitalização, que marca a atualidade e é transversal a todas as atividades, a contabilidade reforça o seu papel no aconselhamento e gestão do desenvolvimento dos negócios daqueles que, mais do que clientes, são parceiros.

1 QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS CONDICIONANTES AO DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE?

2 COMO CONSIDERA QUE A TECNOLOGIA VAI IMPACTAR A ATIVIDADE?

3 QUE PERSPETIVAS TEM PARA 2019?



PAULO GIL ANDRÉ
Managing & Audit Partner
da Baker Tilly

1. Com a modernização do tecido empresarial, os serviços de contabilidade requerem uma rápida adaptação para uma exigente capacidade de resposta, mantendo o mesmo rigor com que se tem vindo a pautar. Os novos desafios que afetam a atividade, tais como as constantes alterações da regulamentação portuguesa, tecnologias de informação e uma maior inovação, promovem oportunidades de mudança. É tempo de investir em capital humano e tecnologia, garantido uma simbiose entre rapidez e conhecimento. Com um maior know-how dentro da organização é possível garantir um acompanhamento ainda mais profundo e promover oportunidades de investimento estrangeiro.

2. Face à exigência de respostas e conclusões céleres, a contabilidade é sem dúvida uma das profissões que mais se vai alterar. Conceitos futuristas como a cyber security, monitorização em tempo real, arquivo digital, big data, data analytics, IA, blockchain já pertencem ao presente. A tecnologia permite definir e redefinir processos permitindo uma eficiência no tratamento da informação e apoio na decisão. É essencial estar na vanguarda da tecnologia e acompanhar a evolução, só assim é possível fornecer elementos financeiros de forma eficaz e eficiente para que o gestor se possa concentrar nos desafios e nas oportunidades por forma a impulsionar as decisões nos negócios. Cada empresa é diferente e todas exigem diferentes soluções.

3. A Baker Tilly estima a continuação do forte crescimento dos seus serviços de contabilidade. A continuação de investimento estrangeiro, a recuperação da economia nacional e a proliferação de negócios e startup focadas em novos negócios assentes em tecnologia e novos racionais (que minimizam as áreas corporate e de suporte, optando pelo outsourcing de serviços) contribuirá por certo para a forte expansão dos nossos serviços.



RUI ALMEIDA
CEO e Presidente da Comissão
Executiva do Grupo Moneris

1. A procura pelo talento é seguramente um dos desafios mais exigentes com que as empresas de contabilidade e consultoria se deparam. A escassez de RH com o perfil de competências necessárias e desejadas para os novos paradigmas de mercado é um problema que coloca constrangimentos reais ao desenvolvimento da atividade. Temos de olhar para a componente dos RH como algo fundamental e decisivo para a sustentabilidade e prosperidade das empresas. Devemos olhar para novas funções, identificar perfis de competência técnica e comportamental, e conseguir atraí-los, desenvolvendo estratégias de retenção e valorização. O custo de não ter as pessoas certas é, indiscutivelmente, um custo que as empresas de contabilidade não podem suportar.

2. O setor da contabilidade enfrentará mudanças significativas nas próximas décadas, sendo que as sociedades de contabilidade e os seus profissionais devem responder afirmativamente ao desafio agora imposto. A rápida evolução na era digital, tornarão grande parte do trabalho que hoje o contabilista faz dispensável. Seremos então todos nós, contabilistas, substituídos por robots? Não, temos pela frente o desafio de recentrar a nossa atuação naquilo em que, verdadeiramente, podemos acrescentar valor, que passa pela análise e aconselhamento.

3. No que diz respeito à Moneris temos perspetivas muito positivas. Nos últimos anos, temos centrado o nosso crescimento na vertente orgânica, amplificando e desenvolvendo serviços e soluções que hoje posicionam o grupo como uma empresa de contabilidade e consultoria de largo espectro. Para 2019, antecipamos continuar a crescer na quantidade e qualidade de clientes que servimos, transformando a experiência de cada um numa parceria que traga valor adicional nas vertentes tradicionais contabilística e fiscal.



HUGO SALGUEIRO
Partner do Grupo Your

1. As principais condicionantes para o exercício da atividade e especificamente no que concerne ao outsourcing de contabilidade, prendem-se com dois fatores essenciais. Por um lado, a cada vez maior exigência de prestação de um serviço de alto valor acrescentado para o cliente, diferenciador e que vai muito para além da prestação de contas básica e do cumprimento das obrigações fiscais. Por outro, a pressão do fator preço num mercado em que a competitividade continua muito assente neste aspeto. Os clientes reconhecem a necessidade cada vez maior da credibilização da informação financeira, mas continuam ainda a oferecer resistência quando serviços de qualidade se refletem nos honorários.

2. No Grupo Your, vemos a tecnologia e a sua evolução no âmbito da atividade, como um vetor essencial para conseguirmos aumentar a nossa proposta de valor para o cliente. Não encaramos de todo como uma ameaça à profissão. A automatização de processos, sobretudo nas tarefas mais elementares a cargo do contabilista e nos modelos de reporte, permitem o tempo adequado para atividades de revisão e de melhoria dos outputs a entregar ao cliente. Temos vindo a fazer investimentos relevantes nesta área, sendo que é claramente uma aposta estratégica e fundamental da nossa empresa.

3. À semelhança dos últimos anos, as perspetivas são ambiciosas e passam pelo crescimento do Grupo Your na área core de outsourcing financeiro e nas restantes áreas de apoio à gestão. Especificamente no que se refere aos serviços de contabilidade e, como acreditamos desde sempre que um dos fatores de sucesso é a proximidade com o cliente, pretendemos continuar a implementar o nosso plano de expansão geográfica pelas principais capitais de distrito do país, bem como iniciar o processo de internacionalização.



ANTÓNIO NUNES
Presidente do Conselho
Administração do Grupo Nucase

1. Uma das principais condicionantes que afeta a nossa atividade prende-se com a economia em geral que continua a afetar as PME, condicionando a prestação de um serviço de maior qualidade do ponto de vista da assessoria de gestão. Os preços praticados são insuficientes para fazer face às exigências, complexidade e responsabilidade dos serviços, sobretudo os de âmbito legal. Os clientes, na sua maioria, não valorizam a qualidade dos serviços e quando valorizam, nem sempre têm condições de pagar um preço justo. Por outro lado, a concorrência nem sempre leal, afeta a atividade com a prática de preços desajustados, prejudicando quem está no mercado de forma séria para ajudar as empresas, não só no cumprimento das obrigações legais mas também no acompanhamento e aconselhamento da sua gestão e desenvolvimento.

2. A tecnologia vai ter um forte impacto, quer na simplificação e automatização de processos, quer na interação com as empresas e entidades destinatárias da informação financeira e fiscal. Grande parte das atividades operacionais irão migrar para serviços de valor acrescentado, particularmente na consultoria e apoio à gestão, o que será muito importante para o desenvolvimento e controlo empresarial. É inevitável acompanhar as tendências da era digital, sobretudo no que se refere à IA que vai ter um papel determinante na operacionalidade dos serviços, em termos de qualidade e disponibilização, em tempo útil e de forma fiável, da informação contabilística e financeira.

3. As perspetivas são moderadas, o mercado está muito instável e imprevisível face ao impacto tecnológico, alterações contabilísticas e fiscais, saúde financeira das empresas e o próprio mercado concorrencial. Vamos ver qual será o impacto do OE2019, de forma a nos ajustarmos e perceber qual a estratégia a seguir.

Partilhamos a sua visão de futuro.



A Moneris tem uma abordagem focada no cliente, com uma oferta integrada de serviços e soluções que permite prestar às organizações um apoio de 360 graus na área da gestão, promovendo a excelência da informação financeira e a melhoria dos processos de tomada de decisão críticos para o seu sucesso.

Somos o maior grupo nacional de contabilidade e apoio à gestão, presente de norte a sul de Portugal, com uma rede de 20 escritórios sustentada por, aproximadamente, 300 consultores.

Os nossos serviços são garantidos por equipas com um profundo conhecimento em todos os setores de atividade, o que permite que cada cliente beneficie do apoio de profissionais que entendem os seus desafios e o acompanham em cada obstáculo.

Conhecer bem os nossos clientes é para nós essencial, para que possamos responder proativamente às suas necessidades.

Integramos uma das maiores redes mundiais de empresas de auditoria, contabilidade e serviços jurídicos – a MSI Global Alliance –, com presença em mais de 100 países em todo o mundo ampliando a nossa capacidade de apoiar as empresas além fronteiras.

moneris

- contabilidade e reporting
- assessoria fiscal
- recursos humanos
- corporate finance
- risco e compliance
- seguros
- formação

moneris.pt



europa
áfrica
américa
ásia
oceania

portugal

lisboa
porto
faro
aveiro
bragança

leiria
santarém
setúbal
vila real
viseu

FORMAÇÃO DE EXECUTIVOS

Executive MBA | Executive Masters | Pós-Graduações | Programas Executivos | Corporate



INDEG-ISCTE
Executive Education

CANDIDATURAS ABERTAS

EARLY CALL-OUT ATÉ 31 DE OUTUBRO

pg
Pós
Graduações

CONTABILIDADE FINANCEIRA AVANÇADA

Formação que visa atualizar e desenvolver conhecimentos de contabilidade financeira, com foco no atual Sistema de Normalização Contabilística e nas IFRS aprovadas pela UE

CALENDÁRIO JANEIRO A JUNHO DE 2019

REGIME PÓS-LABORAL

FORMATO 1 SEMESTRE



INFORMAÇÕES E CANDIDATURAS: +351 217 826 100 | admissoes.indeg@iscte-iul.pt | indeg.iscte-iul.pt

ACREDITAÇÕES, AFIJAÇÕES E RANKINGS

